A PSICANÁLISE COMO ESPIRITUALIDADE NÃO-RELIGIOSA: UMA APROXIMAÇÃO*

Cleber Lizardo de Assis**

Resumo: *propõe-se que seja a Psicanálise, além de um procedimento, método e teoria, uma forma de Espiritualidade Não-Religiosa. Faz-se análise de autores psicanalistas que tratam da Psicanálise dentro da tradição judaica, da dissensão entre doxa e episteme em Freud e aponta-se uma aproximação interpretativa das lacunas subjetivas no discurso freudiano (seu dizer-desdizer sobre a religião), sobre os quais operamos uma análise.*

Palavras-chave: *Psicanálise. Espiritualidade. Religião.*

Se por um lado podemos falar de um recrudescimento da religião ou sua modificação nos mais diversos registros, podemos ainda postular a existência do que temos chamado de "espiritualidade" no ser humano como algo que demanda atenção, não apenas do campo religioso como das ciências psicológicas.

Para além das velhas discussões sobre a constituição desse mesmo humano, seja nas versões dicotômicas ou tricotômicas, sabemos que o mesmo deve ser considerado em sua integralidade e torna-se inegável apreendermos o sujeito para além de sua realidade corpórea, independente de postular uma crença religiosa. Nesse sentido, campos, discussões e saberes religiosos e da seara psicológica se preocupam com o bem-estar, a saúde e a qualidade de vida, sem desprezar as dimensões de sentido de vida e demandas existenciais, sendo que, tais elementos, historicamente, tem sido tratados pelas religiões até o advento

* Recebido em: 02.09.2016. Aprovado em: 20.09.2016.

** Teólogo, Mestre em Psicologia/PUCMG; Doutor em Psicologia/USAL-AR; Docente do curso de Psicologia da FACIMED-RO; Pesquisador-Coordenador do Grupo de Pesquisa Estudos Psicossociais Regionais/ UNESC-RO e Integrante do Grupo de Pesquisas Práticas de Saúde em Clínica Ampliada na Contemporaneidade/PUCMG. E-mail: kebelassis@yahoo.com.br

da modernidade com os conflitos entre religião e ciência, razão e fé, sendo que tal conflito preside a criação da criação da Psicanálise de S. Freud.

Entretanto e apesar de Freud ser um judeu ateu, defenderemos que sua criação teórica-metodológica de cuidado humano, por nós denominada "coisa freudiana", extrapolou os limites do que ele mesmo designou como teoria, método e procedimento, alcançando ao nosso ver, uma condição de espiritualidade não-religiosa. É o que trataremos a seguir.

ESPIRITUALIDADE: RELIGIOSA E NÃO-RELIGIOSA

Poderíamos apontar como diferença básica entre uma "espiritualidade religiosa e uma não-religiosa, o fato de que aquela desenvolve um conjunto de conceitos e práticas a partir da determinação de uma religião institucionalizada, enquanto a espiritualidade não-religiosa prescinde de uma religião de base institucional com suas crenças e ritos. Entendemos ainda que, não apenas a religião trata das " coisas do espírito", especialmente, em nossa pós-modernidade, aliás, algumas formas de religião parecem tratar com pouca relevância dessa dimensão da natureza humana; E o que dizer da arte, em seus múltiplos aspectos e formas, se não um dos mais sublimes produtos e instrumentos de cuidado da dimensão espiritual humana?

Fato é que, desde o advento da modernidade, as chamadas "coisas do espírito" e da alma foram relegadas, com certa exclusividade às religiões, de modos que a ciência [especialmente a biomédica] apartada daquelas, assumiu os encargos do corpo e da dimensão biológico, inclusive com consequências para o que veio a se constituir na ciência Psicológica, titubeante entre privilegiar como objeto de seu estudo, ora a dimensão biológica, ora a "psicológica"; No entanto, sabemos que nem sempre foi assim, especialmente, na tradição judaica que concebia o ser humano sem as dicotomias (corpo e alma) ou tricotomias (corpo, alma e espírito), além de outras díades que insistiam em parcializar o humano: o ser humano uno em sua multidimensionalidade biopsicossocial. E nesse sentido, concebemos a dimensão "espiritual", antes atrelado quase que exclusivamente às religiões, à categoria " psicológico", posto que ambas tratam da dimensão meta-corporal, da alma ou do espírito.

Corroborando essa perspectiva de que podemos postular uma "espiritualidade não-religiosa", Giovanetti (2005, p. 136) diferencia o termo "religiosidade" que "implica a relação do ser humano com um ser transcendente", de "espiritualidade", para o qual "não implica nenhuma ligação com uma realidade superior". Ou seja, espiritualidade significaria "toda vivência que pode produzir mudança profunda no interior do homem e o leva à integração pessoal e à integração com outros homens" (GIOVANETTI, 2005, p. 137) e ainda relaciona "espírito" e

"sentido para a existência" (p. 138). Já para Valle (2005), espiritualidade "assume o corpo e permite que o homem ultrapasse o nível biológico e emocional de suas vivências, mesmo das mais elevadas e sublimes" (p.102), de modos que se torne um plus aos elementos biológicos e emocionais-psicológicos. Em suma, a religiosidade pode conferir tal possibilidade de "mudança profunda", associando-a um ser transcendente ou divindade, diferente de uma espiritualidade, não importa aqui se religiosa ou não-religiosa, mas que pode conferir tal mudança e vivência ao ser humano.

Nessa linha de argumento que concebe o "psicológico" como "espiritual", Para Sathler-Rosa (2014, p. 128), "a tradição judaico-cristã preserva princípios e práticas milenares que contribuem para o benefício da saúde do ser humano", claro que, "com outra gramática" diferente do saber médico e psicológico e, no nosso sentido, diferente do arcabouço teórico-conceitual da Psicanálise. Ainda discute o sentido de "espiritualidade" como "a manifestação existencial da constituição ontológica do ser humano: é um ser espiritual. A espiritualidade abrange a fé, os ritos e rituais próprios e a vivência cotidiana" (p. 129), o que consideramos uma concepção atrelada à necessidade de uma instituição reguladora, de forma que " espiritualidade" e " religiosidade" quase se confundem. No entanto, o referido autor aponta ainda que exista na atualidade um "desejo generalizado por uma vida centrada na espiritualidade" (p. 130) extrapolando as instituições religiosas e, nesse sentido de retirar um certo caráter religioso-institucional do termo, redefine o conceito de forma que "a espiritualidade não é algo que ocorre para além da esfera do humano, mas algo que toca em profundidade sua vida e experiência" e "a experiência do espírito dos humanos pela ´busca do sentido radical que habita a realidade" (p. 130) e ao longo do texto há um tratamento do "espiritual" como sinônimo de "psicológico. Por consequência, Sathler-Rosa (2014, p. 130), "o cuidado espiritual [ou psicológico][1] exercido pelo próprio sujeito e por outros cuidadores objetivam facilitar a integralidade, ou saúde, dos humanos em meio às circunstâncias comuns à existência" foi um traço que marcou as comunidades judaicas e cristãs, e presidiram nexos entre os conceitos entre salvação e cura-cuidado, com um caráter comunitário-pastoral, isto é, de cuidado mútuo; entretanto, para esse autor, "cuidar" estaria além do "curar" e significaria na tradição judaico-cristã:

> *é processo que visa não apenas ao desaparecimento de sintomas ou da enfermidade. O objetivo do cuidar mira na cura do ser. Ou seja, cuidar do ser para que confira coesão à sua existência e que seja capaz de integrar, em sua experiência subjetiva e em sua vivência objetiva no mundo, suas alegrias, seus sofrimentos, suas potencialidades e suas limitações* (SATHLER-ROSA, 2014, p. 132).

A espiritualidade, seja na tradição judaica e na própria tradição cristã nascente possuía essa intencionalidade de "salvação", "cura" e "terapêutica" do humano-todo, nas suas mais complexas dimensões, o que ocorria ora em harmonia com os ditames religiosos, mas ora em tensionamentos, de modos que essa tradição judaico-cristã forjou os moldes psicoterapêuticos ou "pneumoterapêuticos" [*pneuma*, grego, "espírito") das ideias e técnicas terapêuticas desenvolvidas no ocidente e, nesse caso, podemos dizer de influências sobre a criação da "coisa freudiana, a Psicanálise. Ocorre que, em tempos que nos desafiam a superar a atomização humana decorrente da lógica das especializações da ciência e das "guerras" entre os diversos campos, formas e instituições de saber, especialmente, ciência e religião, urge a busca de pontes inter e transdisciplinares, além da construção de um conhecimento "conjuntivo", dentro de um novo paradigma de conhecimentos que acolha a complexidade (MORIN, 1996; MORIN, LE MOIGNE, 2000) que favoreça o diálogo e a troca de conhecimentos e práticas que favoreçam o humano.

A PSICANÁLISE SEGUNDO FREUD (TÉCNICA, TEORIA E MÉTODO) E A RELIGIÃO

Devemos partir da definição multifacetada que o próprio Freud faz de sua "coisa", para apontarmos como era movido de um grande idealismo que beirava as raias de um messianismo sem religião ou um arauto de uma nova ciência, bem como a possibilidade de acrescentarmos ao caráter de "procedimento", "método" e " nova disciplina científica", a nossa hipótese de uma Psicanálise como Espiritualidade Não-Religiosa. Assim, para Freud (1922/1990), a Psicanálise era para seu pioneiro:

> *um procedimento que serve para indagar processos anímicos dificilmente acessíveis por outras vias; um 'método de tratamento' de perturbações neuróticas, fundado nessa indagação; e de uma série de compreensões psicológicas, adquirida por esse caminho, que pouco a pouco se associam em uma nova disciplina científica* (p. 231, grifo nosso).

Nos grifos que fizemos acima, queremos destacar certa amálgama de "coisas" freudianas atribuída a esse saber, teoria, ciência e até, mesmo em "titubeio idealista" do romântico S. Freud, "visão de mundo" (*Weltanschauung*). Esse é o Freud romântico com sua tentativa de reencantar o mundo, inclusive o seu próprio desencantamento religioso, agora pelo viés de um saber que tenta superar a psicologia científica de sua época e a teologia de seus antepassados. Sobre tais idealismos do romântico Freud e a inserção de sua teoria numa relação

dúbia com o Romantismo com suas temáticas irracionais (morte, loucura, sonho etc), recorremos a Mann (1929/1970 apud LOUREIRO, 2000, p. 51) que qualifica: "*a Psicanálise de anti-racionalista, porque sua busca se dirige ao noturno, ao sonho, ao instinto [Triebe], ao pré-racional, e a noção de inconsciente inscreve-se em seus princípios"*. No entanto, como destacaremos, Freud faz um tratamento racional-científico positivista de seus conceitos marcados pela questão da doxa-episteme, de forma a transformar "*em metapsicologia aquilo que até então era alvo de especulações de cunho metafísico*" (LOUREIRO, 2000, p. 52). Por isso tudo, podemos acatar que a sombra do metafísico pairava sobre Freud e sua "coisa", especialmente a noção de inconsciente, no entanto, sem uma adesão religiosa, mas guardando algo de essencial que poderíamos pensar numa nova modalidade de espiritualidade.

Esse tensionamento em Freud entre adesão a ideais Românticos e seu esforço científico-positivista é resolvido por Freud como um produto de "terceira via", uma "solução de compromisso" entre sua paixão romântica e seu amor científico, ou de outra forma, entre tradição judaica (incluindo a religião cujo sentido era de: mitigar o desamparo, dar sentido à vida, controlar os impulsos e renunciar aos prazeres terrenos em virtude de possíveis recompensas numa vida futura depois da morte, Freud, 1927/1976) e a ciência nos moldes de seu tempo e, para tanto, dialetiza esses dois territórios, de modos que

> *é justamente nos momentos em que Freud aponta os limites da ciência, a precariedade de seus alcances, a parcialidade e efemeridade de seus resultados, em suma, é ao reconhecer a impossibilidade de um conhecimento totalizador que ele se distancia radicalmente dos anseios românticos* (LOUREIRO, 2000, p. 52).

Loureiro (2000, p.54) ainda caracteriza o estilo romântico como "fortemente marcado pelas tentativas de respostas restauradoras, cujo fim último seria a restituição da unidade e da harmonia perdidas", mesmo em suas formulações científicas e tal como em Freud, Schopenhauer (que muito influenciou o primeiro) e outros românticos, "ainda que saibam da irreversibilidade deste processo ou que se mostrem céticos em relação à possibilidade de restaurar uma plenitude passada/futura, tentam por vários caminhos uma religação do homem com o mundo natural e sobrenatural". Ou seja, mesmo marcados por tensionamentos entre passado e futuro, religião e ciência, há uma tentativa de "reencantamento do mundo" e uma "*tentativa de restituir uma experiência de plenitude e de absoluto*" (p. 54), nem que seja de forma disfarçada, tal como ocorre no discurso freudiano de totalidade e, nesse sentido, seu mal-estar em relação tanto à ciência positivista como toda forma de religião, mas como temos defendido,

haveria algo a ocupar esse lugar e, nesse sentido, a Psicanálise emerge como alguma coisa próxima ao que Freud (1927/1978) que ele criticou na religião, uma "visão de mundo" sem elementos transcendentais e metafísicos.

Assim posto, desconfio do que Freud (1933/1976), nas Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise, intitulada Sobre a Questão da Weltanschauung, afirma e quer nos fazer aceitar de que a Psicanálise é uma pura ciência da natureza (Naturwissenschaften) e não uma visão de mundo ("na minha opinião, a psicanálise é incapaz de criar uma Weltanschauung por si mesma. A psicanálise não precisa de uma Weltanschauung; faz parte da ciência e pode aderir à Weltanschauung científica", Freud, 1933/1976, p. 220), de modos que dizemos desse "titubeio" ou oscilação freudiana entre os dois territórios e, nesse sentido, ora agrada a um, ora desagrada a outro, o que, guiados por Loureiro (2005, p. 2005, p. 54), nos remete ao texto freudiano "Novas Conferências" (FREUD, 1933/1976) sobre a questão das visões de mundo fornecidos pela ciência e pela religião e que, segundo a autora, para Freud são "fruto de aspirações afetivas, ou seja, como construções resultantes da necessidade de ilusão própria ao humano" (p. 55), e como a religião, as artes e a filosofia não podem conferir a questão da verdade.

Sabendo que Freud não era afeito à filosofia e à religião, especialmente, por serem inimigas da ciência, nesse texto (FREUD, 1933/1981) aquela é, de imediato, descartada para seus propósitos científicos, restando a religião como o "mais poderoso inimigo" e, nesse sentido, "critica as três funções da religião — conhecimento (explicação do universo), proteção/consolo e prescrições éticas — dizendo que a ciência não pode e nem quer preencher as duas segundas. Quanto à primeira, é o terreno no e pelo qual ciência e religião vão duelar" (LOUREIRO, 2005, p. 58), no entanto, entendemos que, mesmo sem a figura de uma divindade ou elemento metafísico, a Psicanálise parece portar, além de um tipo de conhecimento que Freud almejava e ainda, uma forma de ética e o que chamamos de certa proteção e consolo para o desamparo humano. Ou seja, o conjunto de conhecimento (inclusive elementos de uma sabedoria como saber de si), ética e elementos psíquicos-afetivos atrelados à técnica, procedimentos e método psicanalíticos (aqui podemos inserir a figura do analista como uma forma de pai, mãe e Deus[1]), conferem à Psicanálise essa última dimensão. O próprio Hans Küng (2006, p. 69), traz essa imagem de um deus venerado por Freud e que torna-se figura onipresente em sua criação: "*Em lugar da fé, entra em cena, para Freud, a fé na ciência, em nosso deus Logos, no qual ele encontra o firme apoio que falta aos que crêem em Deus"*.

Há, nesse sentido, um possível consolo e "firme apoio" logocêntrico em Freud, sem a constituição de uma figura de Deus tal qual anunciada na sua tradição judaica ou no cristianismo, mas que de alguma forma, deixa marcas nesse novo tipo

de conhecimento e sabedoria, enviesado na "coisa freudiana" chamada Psicanálise e aqui, o seu "outro caráter", o de uma espiritualidade nem que seja despojada de uma divindade ou algo semelhante.

JUDAÍSMO, PSICANÁLISE E AS LACUNAS NO DISCURSO FREUDIANO

Nessa seção será fundamental para o objetivo supracitado, nossa análise-diálogo com o psicanalista J. Birman (2013), a partir de seu texto "Discurso freudiano e tradição judaica" que tomou como base sua conferência realizada no colóquio intitulado "Psychanalyse et humanités", organizado pelo CNRS, no Centre de Recherche Français, em Jerusalém, em 20/2/2012[2]. Conforme postula Birman, seu objetivo é "realizar uma interpretação sobre a presença da tradição judaica no discurso freudiano. Para tal, lança-se mão dos modernos teóricos da filosofia judaica que tratavam o judaísmo como uma ética. Pretende-se, ainda, pensar a psicanálise como uma ética centrada no desejo" (p. 11). A partir de tal diálogo iniciado com esse autor, nossa tentativa é de operar uma análise de certas lacunas e silêncios freudianos quando de sua criação da Psicanálise, apontando possíveis elementos que os preencham, nos servindo do brilhante texto de Birman que, ao nosso ver, possui lacunas e silêncios similares.

Birman inicia com a aproximação esperançosa de Freud em relação a C Jung, mas também seu rápido rompimento, quando interpreta o primeiro movimento freudiano com seus múltiplos sentidos de "ordem epistemológica, étnica e política" (p. 12). O júbilo freudiano ao encontrar Jung e tê-lo fortemente no movimento psicanalítico devia-se a que Freud almejava que sua criação deixasse os guetos científico e judaico, se tornando um saber firmadamente internacional e de fato científico. Internacionalizar e cientificizar a Psicanálise, eis a aspiração legítima de S. Freud, ou seja, "aceder a um reconhecimento sem fronteiras, isto é, pelo qual não seria inscrita nem nos registros da nacionalidade, nem tampouco no da etnia e no da religião" (BIRMAN, 2013, p. 12), no entanto, diria ainda que, além desses registros de ordem epistemológica, étnica e política, um outro tipo ou categoria que guarda uma relação com todos esses e que deve ser considerado: o religioso, e nesse sentido, destaca-se a relação conturbada de Freud com a religião judaica, explicitamente manifestada por sua posição ateia e anti-religiosa. Nesse sentido, além de não "ciência judaica", Freud queria afirmar uma "não-religião" especialmente judaica (FREUD; ABRAHAM, 1969; FREUD; JUNG, 1975), posto que tem sido historicamente simbiótica a relação entre cultura-religião judaicas.

Fato é que, buscando que a psicanálise fosse reconhecida como a *ciência do inconsciente* (FREUD, 1900/1976), "deveria se desembaraçar de tudo e de qualquer particularismo, seja este de ordem política, nacional, religiosa e étnica", mas

seria tais ideais possíveis, mesmo a uma corrente de pensamento, teoria e, nesse caso em especial, a um tipo de psicoterapia? Ou seja, Freud funda uma certa "anti-ciência" ou de forma mais branda, uma meta-ciência, considerando que a ciência e a psicologia científicas da época freudiana eram baseadas na noção de consciência. Cria um tipo de psicoterapia com rigor ético e técnico, mesmo que experimentais para sua época fundacional, que a aproxima de uma prática esotérica, "semi-religiosa", uma espiritualidade não-religiosa. Parece, nesse sentido, que tal esforço de ´des-etnicizar´ ou ´des-religiocizar´ pode não ter, de todo, ter sido alcançado. Pelo contrário, pode ter criado um "subgrupo étnico" e quase-religioso (?), mas sem as mesmas características clássicas daquelas categorias: os psicanalistas, sejam analistas, pacientes e experimentadores da teoria na cultura.

Guiados por Birman (p. 13), notamos um Freud rejubilante ao desembarcar nos EUA, para as séries de conferências na Clark University (FREUD, 1910/1976), quando se referiu ao seu legado psicanalítico como "peste" aos americanos, ao invés de " alento emocional". Mas que ironia nessa figura de linguagem: a psicanálise como "peste" e, logo, Freud como um tipo de "novo Moisés", mas caberia uma pergunta inquietante: os EUA seriam um tipo de egípcios que, como gentios, deveriam se ´converter´ à nova "coisa freudiana"? Notem que há usos e abusos de imagens e metáforas religiosas que marcaram a fundação da Psicanálise e sabe-se amplamente, das pretensões messiânicas de Freud mas também sua dubiedade em relação à sua identidade religiosa e, portanto, as religiões em geral.

Essa "peste" é interpretada como uma "proposição fundamental da *ética* da psicanálise", como "o significante maior para designar o que existiria de real no inconsciente e nos desdobramentos inquietantes da sexualidade para o sujeito" (BIRMAN, p. 13) e aqui, com a noção de " inconsciente" e de "sexualidade", Freud desfere um forte soco no estômago da psicológica científica de então e na cultura ocidental com sua concepção procriacionista de sexualidade e sua antropologia excessivamente otimista. Nesse sentido, opera o que tem chamado de " terceiro golpe narcísico" (FREUD, 1917/1976).

Birman (2013, p. 13) ainda aponta que as divergências em torno da ética da psicanálise, girando em torno ("trono" foi o ato falho que cometi ao escrever esse termo nesse texto) desses conceitos é que ocasionaram a ruptura entre Freud e seu discípulo Jung, mas acrescentaria que, além de tais pontos temáticos, a questão religiosa se constituía num abismo entre Freud e Jung, tal como sinalizam os postulados de ambos acerca da temática religiosa ao longo de suas vidas. Outro detalhe: Jung, diferente de Freud não era judeu (portanto, deveria ser " convertido"?) tal como o expressa um trecho da Carta 139: "... na noite em que eu o adotei como filho mais velho e o *ungi in partibus infidelium* (na terra dos infiéis) como meu sucessor e príncipe coroado..." (FREUD, 1909/1975). Mas diferente daquele era um teísta e com amplas aberturas e diálogos com

a religião, como seria marcada sua obra. Entretanto, Freud, confessadamente explicitava sua predileção e propósitos de ter Jung como seu discípulo preferido e futuro sucessor ("um filho mais velho", "sucessor e príncipe coroado" (FREUD, 1909), no entanto, havia algo em comum entre esses quase pai e filho, construindo uma ´coisa´ que tinha como foco as dimensões psíquicas do indivíduo, um saber sobre a alma e espírito humanos. E aqui se insere mais uma lacuna freudiana que insiste na análise birmaniana que atribui a essa mera divergência teórica o rompimento entre ambos:

> *podemos decerto afirmar, em contrapartida, que a ruptura definitiva entre os dois homens se forjou em torno desta problemática específica. Assim, segundo a leitura de Freud e do movimento psicanalítico de então, Jung não teria sido fiel aos pressupostos teóricos e éticos da psicanálise, delineados em torno do que existiria de real na sexualidade e no inconsciente, ao enunciar a pertinência teórica deste registro psíquico na exterioridade do sexual* (BIRMAN, 2013, p. 13).

Concordo com Birman que tais empecilhos teóricos sejam os motivos alegados e até mesmo justos para tal rompimento, mas reduzir a esse registro frio o tal rompimento é, no mínimo, ingênuo e parcial, especialmente considerando o legado psicanalítico do Édipo[3] que, para além das fofocas de bastidores amplamente contadas ao longa do movimento psicanalítico, sabe-se que Freud enfrentava fortes moções inconscientes em ter-não ter um discípulo que o rivalizasse, reatualizando suas questões edipianas de amor-ódio com o próprio pai. E aqui o nosso ato falho acima, em torno da querela Freud-Jung: Freud poderia ter temido intensamente perder seu trono para Jung, especialmente, em vida e por um não-judeu, dantes tido como filho.

Defendo que, no caso da Psicanálise, especialmente, não se pode subestimar tais dimensões emocionais inconsciente numa análise, mesmo que, quase "selvagem" do próprio Freud em seus movimentos de criação e expansão de sua "teoria-peste". E aqui, aponto e tento preencher mais uma lacuna do discurso freudiano e, julgo, perpassar o discurso birmaniano: não apenas questões teóricas-epistemológicas marcaram o rompimento freudiano com Jung, mas talvez aquelas, movidas por moções emocionais. E mais, o furor freudiano fora tão grande que, pode ter criado um *apartheid* interno ainda maior em relação ao que pretendia para a Psicanálise em relação à tradição religiosa que fora criado. Enfim, Freud rompe com Jung e já com certa internacionalização da Psicanálise, firma outros fundamentos técnicos para sua ciência, quais sejam, os fenômenos da transferência e da resistência que se são manifestações no *setting* dos conceitos de inconsciente e sexualidade, elementos que se constituíram em queda-de-braço entre Freud e Jung. Há, portanto, dois

níveis de respostas a esse rompimento: teórico-epistemológico e psico-pessoal: Freud-novo Moisés-Ateu até admitiria um filho-discípulo Jung-teísta, desde que convertido, mas não um seu-igual no novo empreendimento. Nesse aspecto, além da identificação Freud-Édipo, uma outra entre Freud e Moisés emerge como elemento importante para a nossa discussão.

Birman (2013, p. 14) admite a "identificação crucial de Freud com a figura de Moisés, constitutiva – como se sabe, da tradição judaica" e que essa identificação, ao longo da história freudiana "se incrementou" e " radicalizou-se", de modos que, entendemos que tal identificação de Freud em relação à Moisés, deve-se à sua explicitude ao longo de sua vida e obra, em que almejava ser um "novo-Moisés", mas desde que um "Moisés-sem-deus" e que, entretanto, fixaria em "tábuas" seu " novo decálogo" psicanalítico para os "infiéis". Esse movimento freudiano, digamos "ambivalente", para usarmos um termo psicanalítico, entre afastar e aproximar do gueto psicanalítico é sinalizado por Birman, quando se refere à obra O Moisés de Michelangelo (FREUD, 1933). Note-se, portanto, a ´dubiedade freudiana´ em focos temáticos, movida por, supomos, sua cisão pessoal entre judeu-teísta e judeu-ateísta, ou ainda, entre sua *doxa* em oposição à sua *episteme* (FRANKLIN, 2004; DRAWIN, 2005): Freud des-dizia ao dizer algo, ou seja, tal cisão pode ser atribuída à própria noção de inconsciente que cinde o sujeito, de modos que à consciência não se pode atribuir o "todo dito" desse sujeito. Tal movimento psíquico-institucional freudiano parece ser corroborado por Birman (2013, p. 15):

> *Desta maneira, Freud estabeleceu, no dito ensaio, a identificação e a superposição de duas oposições decisivas, a saber: Freud e o movimento psicanalítico, por um lado, Moisés e o povo judaico, pelo outro. Com efeito, da mesma forma que Moisés teria imposto com raiva a Lei ao povo judaico, que teria se rebelado contra a Lei de Deus, Freud afirmava ter feito a mesma coisa de maneira indireta e alegórica ao movimento analítico, impondo os pressupostos teóricos e éticos do discurso psicanalítico, no contexto histórico da ruptura com Jung.*

Interessante que o próprio Freud exalta certas características da religião judaica (seus ideais de justiça, verdade e amor, aspirações éticas, avanço na intelectualidade, incentivo a sublimações etc), mas também o critica ao se referir à sua recaída no "círculo" neurotizante de uma repetição compulsiva das origens. (FREUD, 1939/1976) e, nesse sentido, essa cisão, ambivalência ou dubiedade entre *doxa* e *episteme* em Freud apontam

> *que a consciência filosófica espontânea de Freud, isto é, o modo como ele concebia a ciência e como interpretava o novo saber que estava criando era não só insuficiente, mas contraditório com o seu próprio desenvolvimento teórico...*

(e ainda)...como seria difícil enquadrá-la (a obra freudiana) nos cânones da epistemologia hegemônica e indicando, além disso, que a abordagem epistemológica seria bastante limitada (DRAWIN, 2005, p. 30).

Assim, apostamos tal como Drawin (2005, p. 167), numa distinção "entre a consciência freudiana e a construção teórica ou, como preferimos nomear, entre a *doxa* freudiana e a *episteme* psicanalítica", de modos que "a metapsicologia transgride as interdições epistemológicas provenientes dos preconceitos e convicções do seu autor" e ainda como "a psicanálise demonstra a pluralidade dos eus e quão precário é o controle da consciência sobre a totalidade da vida e das manifestações subjetivas, dentre as quais podemos também situar as obras de um autor". Entendemos que essa dissenção entre doxa e episteme em Freud, deu-se especialmente entre sua conceituação-explicação que mesclavam linguagens e processos biológicos *versus* psicológicos, titubeando entre eles, ("*A biologia freudiana pode ser caracterizada como "cripto" simplesmente porque não é mais biologia e embora se apresente como tal nas oscilações de sua doxa, tornou-se uma outra coisa no direcionamento de sua episteme*" (DRAWIN, 2005, p 211), até às raias de forjar especulações esotéricas e metafísicas ("Não deixa de ser interessante observar, neste ponto, que a metapsicologia, trazendo em seu prefixo uma tão forte evocação da metafísica, preserva, através desse signo do movimento reflexivo, a passagem necessária para o nível transcendental" (DRAWIN, 2005, p. 408).

Em nosso caso, supomos que nessa lacuna entre dizer-desdizer, *doxa-episteme* freudianos, podemos inserir a possibilidade de, ao postular uma "coisa freudiana" composta de teoria, procedimento e método, especialmente científica e, portanto, segundo o desejo do criador, sem qualquer traço judaico-religioso, como algo que poderia ter guardado certos vieses da tradição judaica, especialmente a dimensão da espiritualidade sob a forma de uma nova psicoterapia. Nesse sentido, em relação à criação freudiana, do que chamamos de "coisa freudiana", pode ganhar contornos desses diversos produtos pretendidos pelo seu criador, mas que, no entanto, podem fugir à sua intencionalidade original, posto que

é preciso não se deixar intimidar pela "doxa freudiana", para que o significado filosófico de uma obra, que ultrapassa em muito a consciência epistemológica de seu autor, possa ser elucidado e para que a sua inteligibilidade conceptual e histórica venha a emergir (DRAWIN, 2005, p. 590).

Ou seja, ao criar a "coisa freudiana", marcada pela sua cisão consciente-inconsciente, doxa-episteme, tradição judaica-cientista ateu e outras possíveis outras dicotomias, Freud possibilita lacunas sobre seu produto que conferem a condição de objeto-outro para-além de sua intencionalidade original.

Entretanto, foi sua afirmação criar uma nova espiritualidade ou nova visão de mundo? Talvez o tenha feito, não pela afirmação do dizer, mas pelo des-dizer da negação à tradição judaica religiosa, talvez numa forma do mecanismo de defesa da "formação reativa" ou simplesmente, como sua coisa feito sintoma numa "solução de compromisso." Não seria, nesse sentido, a Psicanálise, uma invenção freudiana de uma "coisa" que visasse os cuidados das coisas do espírito, mas sem os elementos expurgados por ela da religião tal qual ele vivenciara? Não seria, portanto, essa coisa uma forma de tratamento e cura, uma extensão de sua tradição judaica religiosa, mas apenas sem a figura e os ritos religiosos dirigidos a um deus? Não teria "tropeçado" Freud em seu idealismo e ineditismo quase messiânico de um novo-Moisés, em negar sua constituição subjetiva forjada em contexto judaico religioso, com exceção de legar como "praga" a novidade sistematizada em torno de conceitos como inconsciente e sexualidade?

Por fim, quanto a esse Freud (1933/1976) aguerrido no favor da ciência, mas também rancoroso em relação à religião por diversos motivos que não recomporemos nesse trabalho, destacamos sua acusação dirigida a esta de proibição do livre pensar, mas em algum momento, proclama que, embora ele Freud fosse ateu, a Psicanálise não era nem religiosa nem anti-religiosa[4] (FREUD, 1909/1998), sendo que parte dessa "resistência" à religião fora interpretada de forma ousada pelo primeiro psicanalista leigo da história do movimento, Pfister dizendo ao próprio Freud que sua repulsa à religião devia-se ao ter crescido "perto de formas patológicas de religião" e de formas onde se tinha um "esvaziamento do cristianismo", enquanto ele como cura d'almas e psicanalista havia experimentado "uma forma livre de religião"(JUNGE; WONDRACEK, 2003).

Essa intimidade fora forjada por anos em correspondência entre Freud e Pfister, de modos que até a publicação de sua obra mais polêmica sobre a religião, Freud adiara em respeito ao pastor e psicanalista de Zurique (FREUD; MENG, 1998, p. 146). Aliás, vem do próprio Lacan (1953-1954) o convite-desafio em "rever" Freud e sua obra em geral e, no nosso caso, estendemos à questão indigesta da religião, ao conceber a criação freudiana como da ordem da dialética, de modos que "Nele [Freud], cada noção possui vida própria. É o que se chama precisamente de dialética.... O que está em questão é a subjetividade do sujeito nos seus desejos, na sua relação com seu meio, com os outros, com a própria vida. (p. 9).

À GUISA DE CONCLUSÃO: A PSICANÁLISE COMO ESPIRITUALIDADE NÃO-RELIGIOSA

Defendemos que Freud ao mesmo tempo que aponta limites da ciência psiquiátrica e seu trato da loucura e outros temas, diminui o caráter totalizante da religião com seu teísmo, fornecendo algo que possa funcionar como uma nova forma de ordena-

ção do humano, em termos de uma ética antropológica sistematizada sob a forma de teoria, procedimento e técnica psicoterapêutica. A psicanálise se constituiria numa forma de sabedoria sem os rigores da ciência positivista ou os dogmatismos da religião, embora, guarde no seu arcabouço o tensionamento entre as duas esferas. E como "solução de compromisso", tal qual o sintoma, Freud faz as pazes entre seus desejos amorosos e agressivos ao pai, as marcas subjetivas que lhe deixaram a tradição judaica e as demandas da sua realidade cultural.

Um judeu sem a divindade de sua tradição judaica ou aquela do cristianismo, como também sem a religião institucional, posto que as divindades foram "destronadas" pelo deus Logos e as religiões pela ciência, a cujo deus qual consagrava sua crença de forma explícita como forma de também apostar na mitigação do desamparo, em conferir sentido à vida, em controlar os impulsos e, de alguma forma, como suporte para a renuncia aos prazeres terrenos em virtude de possíveis recompensas numa vida futura depois da morte, elementos que também marcavam a subjetividade freudiana (FREUD, 1927/1976, p. 68):

> *Nosso Deus Logos atenderá todos esses desejos que a natureza a nós externa permite, mas fa-lo-á de modo muito gradativo, somente num futuro imprevisível e para uma nova geração de homens. Não promete compensação para nós, que sofremos penosamente com a vida. No caminho para esse objetivo distante, suas doutrinas religiosas terão de ser postas de lado, por mais que as primeiras tentativas falhem ou os primeiros substitutos se mostrem insustentáveis.*

Nesse sentido, bem ao modo da *práxis* psicanalítica não podemos desconsiderar as moções emocionais e afetivas inconscientes[5] que presidiram a criação da Teoria Psicanalítica, em especial, na conturbada relação com a religião, de modos que o que Freud falara com respeito à "ilusão" religiosa, pode-se aplicar à sua "coisa" como "fruto de aspirações afetivas, ou seja, como construções resultantes da necessidade de ilusão própria ao humano" *(*FREUD, 1927/1976, p. 55*).* Mas parece que, ao final da vida, Freud faz certa reavaliação de sua posição em relação à religião, ao aceitar seu caráter importante ao fornecer uma verdade, mesma que não seja de ordem material (FREUD, 1925/1976).

Importante retomar a postulação de suspeita de Ricouer (1965, p 81, tradução nossa) de que "o freudismo já reforçou a crença dos que não crêem, mas, na verdade, apenas começou a purificar a fé dos que crêem", no entanto, ousaria dizer que Freud ainda possibilitou a criação de um certo tipo de crença que não-religiosa ao reforçar a crença daqueles que não crêem num deus religioso, ao mesmo tempo que realmente contribuiu com tal purificação de certos aspectos da fé religiosa que poderíamos chamar de neurotizantes. Em todos esses aspectos, a Psicanálise operaria como uma espiritualidade não-religiosa a favor de religiosos e de não-religiosos.

Nessas possíveis lacunas e ambiguidades freudianas, posto que o criador da Psicanálise não exclui as categorias de oposição, senão as dialetiza, é que Lizardo de Assis (2006, 2011), aponta a possibilidade de aproximação, diálogo e até articulação entre campos religiosos/teológicos e psicanalíticos, sem que um seja subserviente ao outro, mas numa "co-habitação respeitosa", seja constituindo uma "teologia psicanalítica" ou uma "psicanálise do sagrado", de modos que, com ou sem fé numa determinada divindade, algo maior, absolutamente Outro componha o horizonte do cuidado humano.

Assim, ora como teoria, técnica e procedimento, mas ainda como metapsicologia ou parte da visão de mundo científica, a criação freudiana vai se desdobrando *in progress* numa "coisa" que, no embate com a religião e marcada com as questões afetivo-pessoais de Freud, levam a forjar uma sabedoria sobre si em suas dimensões consciente e inconsciente que se desdobra numa forma de cuidado e cura de si, mediado pela transferência entre sujeito e analista, buscando juntos a mitigação do desamparo, o sentido à vida, o controle dos impulsos destrutivos e alguma possível recompensa nesta vida presente, mas tudo isso sem a figura de uma divindade ou religião. E nisso consiste a Psicanálise como uma Espiritualidade Não-Religiosa.

PSYCHOANALYSIS AS SPIRITUALITY NON-RELIGIOUS: AN APPROACH

Abstract: *it is proposed that is Psychoanalysis , as well as a procedure , method and theory, a form of Spirituality Non- Religious. Makes up analysis psychoanalysts authors dealing with psychoanalysis within the jewish tradition, the dissension between doxa and episteme in Freud and points up an interpretative approach of subjective gaps in Freudian discourse (his tell-recant on religion), on which we operate an analysis*.

Keywords: *Psychoanalysis. Spirituality. Religion*.

Notas

1 Por fugir ao escopo de nosso trabalho e objetivo, remeto o leitor às teses de Mezan (1986) e Menezes (2003) sobre a crença freudiana no deus Logos que, embora confira certo consolo e explicação humanos, ainda permanece limitado e não totalizante para as perguntas e angústias humanas.

2 Informação do próprio autor.

3 O próprio Freud assumia sua identificação com Édipo do mito, tal qual ilustra um episódio histórico relatado por Jones, quando do seu aniversário de 50 anos, no qual os discípulos de Freud lhe presentearam com um medalhão que trazia de um lado a sua imagem e do outro, o Édipo diante da Esfinge, com a famosa frase de Sófocles: "aquele que decifrou o famoso enigma e foi um homem extraordinariamente poderoso". Jones, E. (1953). The Life and

Work of Sigmund Freud. New York: Basic Books, 1953. v. 1, pg. 322.

4 "A psicanálise em si não é nem religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores" (FREUD, 1909/1998, p. 25).

5 Considerando que o próprio Freud argumentou sobre a conexão entre o complexo do pai e a crença em Deus, é amplamente conhecido nas biografias freudiana a sua ambivalência de sentimentos para com o seu próprio pai, especialmente seu sentimento de vergonha, rancor e desamparo paternos e, nesse, sentido, como confiar numa figura divino-paterna? Ver Freud, 1910/1976, Um estudo autobiográfico (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 20, p.112.

Referências

BIRMAN, J. Discurso freudiano e Tradição judaica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica,*16 (SPE): 11-23, 2013.

DRAWIN, C. R. *O paradoxo da finitude: sobre o sentido ontoantropológico da psicanálise freudiana*. Tese (Doutorado em Filosofia). UFMG / FAFICH, Belo Horizonte, 2005.

FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos. In**:** *Obras Psicológicas Completas, Edição Standard Brasileira,* Rio de Janeiro, Imago, Ed., (1900/1976)

FREUD, S.; JUNG, C.G. *Letters. Carta 139, 16/04/1909*. Editora William McGuire& Routledge & Kegan Paul, London, 1909/1974.

FREUD, S. *Cartas entre Freud e Pfister (1909 – 1939).* Viçosa, MG: Ultimato, 1909/1998.

FREUD, S. Cinco Lições de Psicanálise. Vol. XI, In: *Obras Psicológicas Completas, Edição Standard Brasileira,* Rio de Janeiro, Imago, Ed., 1910/1976.

FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XVII, 1917/1976.

FREUD, S. Dos artículos de enciclopédia: Psicoanálisis. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 18, p. 226-267, 1922/1990.

FREUD, S. Um estudo autobiográfico. In**:** *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,* Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1925 [1924]).

FREUD, S. *O futuro de uma ilusão* (Coleção "Os Pensadores"). Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, São Paulo, 1927/1978.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise: Conferência XXXV: A questão de uma Weltanschauung. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1933/1976.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1939/1976.

FREUD, S.; Abraham, K. *Correspondance.* 1907-1926. Paris, Gallimard, 1969.

FREUD, S. O Moisés de Michelangelo. v. XIII. In: *Obras Completas de Freud. Edição Standard Brasileira.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, E.; MENG, H. (Orgs.) *Cartas entre Freud e Pfister: Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã.* Viçosa, MG: Ultimato, 1998.

FRANKLIN, K. Os conceitos de Doxa e Episteme como determinação ética em Platão. *Educar em Revista* [On-line], 2004.

GIOVANETTI, J. P. Psicologia e espiritualidade. In: Amatuzzi, M. M. (org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 129-145, 2005.

JONES, E. *The Life and Work of Sigmund Freud*. New York: Basic Books, 1953. vol. 1, p. 322.

JUNGE, D.; WONDRACEK, K. H. K. *Cartas entre Freud e Pfister: Um Diálogo entre a Psicanálise e a Fé Cristã*. Viçosa: Editora Ultimato, 2003.

KÜNG, H. *Freud e a questão da religião.* Campinas, SP: Verus, 2006.

LACAN, J. *O seminário. Livro l: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1953/1954).

LIZARDO DE ASSIS, C. *Aproximações conceituais entre Psicanálise e Teologia Cristã: contribuições para uma clínica do sagrado*. Pesquisa de Iniciação Científica-PROBIC, PUCMG, 2006.

LIZARDO DE ASSIS, C. *A Clínica e o Sagrado: Pesquisa e reflexões contemporâneas em Psicanálise e Teologia Cristã*, Editora CRV: Curitiba, 2011.

LOUREIRO, I. R. B. A totalidade Como Ilusão: Uma Concepção freudiana de Ciência e o Estilo Romântico. Ágora: Estudos em Teo*ria Psicanalítica*, 3 (2), 51-63, 2000.

MENEZES, M. C. *Gênese da religião segundo Freud***.** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2003.

MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura,* São Paulo, Brasiliense, 4. ed., 1986

MORIN, E. A noção de sujeito. In.: Schnitman, D. F. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, p. 45-58. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

MORIN, E.; Le Moigne, J.-L**.** *A Inteligência da Complexidade*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

PFISTER, O. A ilusão de um futuro: Um embate amigável com o prof. Dr. Sigmund Freud. In: Wondracek, K. (Org.), *O futuro e a ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião* (pp. 17-56). Petropólis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1928), 2003.

RICOEUR, P. L´athéisme de la psychanalyse freudienne**.** *Concilium, Revue Internationale de Théologie, 16*, 73-82, 1965.

SATHLER-ROSA, R. Cuidado espiritual como fator de integralidade (saúde) do Ser: funções históricas do cuidado na tradição judaico-cristã. *Revista Pistis Praxis*, v.6, n.1, p. 127-144, 2014.

VALLE, E. R. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In AMATUZZI, M. M. (org.). *Psicologia e espiritualidade.* São Paulo: Paulus, 2005.